

Esse ser arrogante que pensa que pensa e acredita ao demônio a culpa original, que se esquivou do Bem e chafurda no mal, esperando auferir a maior recompensa, não é imagem de Deus mas um clone infernal, procurando marcar sua eterna presença, fabricando a mentira, o ardid, a descrença, reduzindo a existência à anarquia total...

Desafia o implacável e afronta o bendito, carnece da fé e provoca o conflito, vai deixando na terra um legado de horror...

Essa raça nula não sabe o que quer, vem o estúpido homem e a insana mulher, inimigos eternos na busca do amor.

Inimigos, Mírian Marile de Almeida Aguiar

Século da codificação genética... da gestação laboratorial... das comunicações com o plano astral... das tensões sociais, da cibernética.

Governos se comportam sem a ética, no trato com o erário oficial. Políticos sem escrúpulo, sem moral, malversam numa ação quase frenética. Cientistas manipulam o genoma, preocupando-se apenas com o soma, num atentado à espiritualidade!

Embríões congelados para análises, para que amanhã se tenham as bases de um DNA da humanidade.

Século XXI, Hamilton Carneiro

Em casa de família esfacelada, cheguei ao mundo em noite de verão... Infância solitária e atribulada, cedo mostrou-me a face da exclusão.

Durante a adolescência, fui marcada por eventos de luto e desunião; na fase adulta fui prejudicada por desvarios do meu coração... Nas horas mais sombrias, com certeza, eu me abrigava à sombra da poesia para curtir melhor minha tristeza...

Desprezava o bom-senso que exigia: "Reaja e enfrente a vida com firmeza!" Pois chorar era tudo o que eu queria...

Biografia, Mírian Marile de Almeida Aguiar

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVI, Nº 07 – 2012 JULHO
Assinatura até 31.12.12: 05 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,80) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

www.haicu.sf.nom.br

Morir?... Bien poca cosa.
Se abre la tierra.
Lloran los hombres.
La tumba calla.
Amar?... Hecho infinito.
Se abre el cielo.
Ríen los astros.
Dios habla.

Julio Herrera y Reissig, Poesía Completa y Prosas, Átomos de Luz
Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal A. Costa

É mais que um beijo, é uma prece
aquele beijo miudinho
com que a mãe afaga e aquece
os seus filhotes no ninho!

A. A. de Assis, 1205 Literatura & Arte
R. Aurora de A. Ferreira 171, Ap 702
29090-310 – Vitória, ES

Pendiente estoy de tus vuelos
mientras el sol amanece...
es uno de los desvelos
de mi vida que atardece.
Alicia Borgogno

Faz tempo que não nos vemos
vives em constante lida
quem sabe nos encontremos
em certa curva da vida.

Edésio Batista, 1203
Binóculo
ivonildodias@secrel.com.br

No coração há magia
e o futuro é uma promessa...
No labor de cada dia
a esperança recomeça!
Alice C. V. Brandão

Justiça vai existir
num mundo mais que perfeito
quando o equilíbrio reunir
Homem, Dever e Direito.

Elbea Priscila S. Silva, 1107 Trinos
do Pitiguar: R. Guanabara 542
59014-180 – Natal/RN

Do tempo em que tu me amavas
guardo a doçura que vinha
nas uvas que tu passavas
da tua boca pra minha.
Almerinda F. Liporage

Quem dá desprezo à mulher
quando fica apaixonada,
não sabe mesmo o que quer,
ou certamente é de nada!

João Batista Serra, 1204
O Patusco: Caixa Postal 95
61600-970 – Caucaia/CE

Cores englobam a terra
na mais profunda harmonia!
Quando o sol se põe, na serra,
o céu é pura magia...
Amália Marie Gerda Bornheim

Mais ó que bem quixo um dia,
si a querer tem afición,
sempre lle queda unha mágoa
dentro do seu corazón.

Rosalía de Castro de *Mugaia*,
21.02.1837 – 15.07.1885
SF0206

Sou a seiva da esperança
no seio branco ou de cor!
Eu alimento a criança,
seja a mãe da cor que for!
Delcy Rodrigues Canalles

Rompi barreiras no espaço,
perdi batalhas cruéis,
por fazer o bem que faço,
aos meus amigos fieis.

Walter Argento, 1203 A Voz
da Poesia: Rua dos Bogaris 183
04047-020 – São Paulo/SP

Num arco-íris de cores,
fui descendo de mansinho
sem, sequer, pisar nas flores,
que plantaste em meu caminho.
Lisete Johnson

III Jogos Florais, Caxias do Sul 2012 – UBT Seção Caxias do Sul/Academia Caxiense de Letras – Gentileza de Amália Marie Gerda

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.07.12, enviar até 3 haicus de quigos: Dia da Amazônia, João-de-barro, Névoa.

Até o dia 30.08.12, enviar até 3 haicus de quigos: Dia dos Finados, Pintassilgo, Sálvia.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 - São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br

QUIDAIAS DE INVERNO – TEMAS DE INVERNO

Saindo do armário
casacos e cachecóis
vem frente fria.
Alba Christina

Geadas e até neve,
é tempo de vaquejada,
berrante luzindo.
Anita Thomaz Folmann

Urubu biruta
se espanta com barulho
e voa em pirueta.
Fabiana Santiago

Devota zoeira
no Dia do Motorista
passeando festeira.
Fernando Soares

Abelha pausa
sob o sol ardente
no benjoeiro em flor.
Larissa Lacerda Menendez

Noite de inverno
as mãos manejam anzóis
no Porto de Pesca.
Rosângela Aliberti

Lareira acesa
a família reunida
neve nos telhados.
Tereza Delong

HAICUS BRASILEIROS EM FOLHA

Movimento intenso
e os carros em procissão...
Poluição no ar! D
Amália Marie Gerda
No ipê amarelo,
pássaros enamorados...
Rua iluminada! H
Amália Marie Gerda
Mata desbotada
e o rio minguante corre,
calado, entre as pedras... H
Amália Marie Gerda
Ipê amarelo
dom da natureza,
enfeitando a rua toda. V
Argemira F. Marcondes

Curva na estrada;
dourado, na mata verde
um ipê amarelo. H
Denise Cataldi
Pescadores reclamam
pescar aqui não dá!
– rio minguante. V
Denise Cataldi
Rio minguante,
gado sem água – que seca!
Ribeirinho aflito. H
Djalda Winter Santos
Forte poluição.
Estrelas do universo
já não são mais vistas. H
Djalda Winter Santos

Ipê amarelo,
presente da natureza.
Tapete de flores. H
Djalda Winter Santos
Ilumina a mata
clarão de ipês amarelos.
Em noite de lua. A
Flávio Ferreira da Silva
Período de seca
sem formação de nuvens.
Rio minguante. D
Flávio Ferreira da Silva
Som alto no carro
e ainda mais... descarga livre.
Poluição sonora. H
Flávio Ferreira da Silva

Na calçada
ipê amarelo
carregado de flores. B
Iracema Gomes
O gado sem água,
o leite já é só lodo.
Rio minguante. D
Iracema Gomes
Sem vento,
tempo abafado.
Poluição suspensa. V
Iracema Gomes
No horizonte
uma faixa escura.
Poluição. B
Manoel F. Menendez

Rio minguante.
À sua volta,
o gado definha. D
Manoel F. Menendez
Uma viva cor
na rua.
Ipês amarelos. V
Manoel F. Menendez
No alto do morro
pé de ipê amarelo
enfeita a aldeia. H
Maria App. Picanço Goulart
Ave cisca
lama seca;
rio minguante. H
Neuza Pommer

No horizonte
nuvem cinza esconde o sol.
Poluição. H
Neuza Pommer
Na curva da estrada
viajante admira
ipê amarelo. V
Neuza Pommer
Peixes se aglomeram
e buscam lugar ao fundo
do rio minguante. H
Renata Paccola
Flores se desprendem
do imenso ipê amarelo
e cobrem a terra. H
Renata Paccola

Polição na água
deixa o rio mal cheiroso.
Garrafas boiando. H
Renata Paccola
Trânsito. Reformas.
Indústrias. Construções.
Restos. Poluição. H
Roberto Resende Vilela
Na crista do Morro
das Cotias refloresce
o ipê amarelo. V
Roberto Resende Vilela
Ponte condenada.
Pessoas atravessando
o rio minguante. V
Roberto Resende Vilela

N Ã O M A I S U M A F R E I R A
John Fante 1909-1983 (Mark Twain redivivo?), O vinho da juventude; José Olympio Editora, 2010; Atendimento direto ao leitor: mdireto@record.com.br – Gentileza de Edmilson Felipe

(conclusão)

Ficou muito doente. Levaram-na para o andar de cima e colocaram-na na cama. O médico veio. Disse que ela era uma mulher muito doente. Durante muito tempo ele veio todos os dias. Precisaram contratar uma enfermeira. Durante um ano ela ficou doente e nervosa. Todo mundo na casa tinha de ficar em silêncio e caminhar na ponta dos pés. Custou um monte de dinheiro em contas de médico. Minha mãe chorava sem parar noite dia. Não podiam fazê-la parar. Até as irmãs vieram, mas nada podiam

fazer. Finalmente vovó Toscana chamou o padre. Ele concedeu-lhe a sagração de comunhão. Imediatamente ela se sentiu melhor. No dia seguinte estava melhor do que nunca. No dia seguinte estava ótima. Em pouco tempo pôde deixar a cama. Então começou a se movimentar mais. E imediatamente estava boa de novo.

Vovó Toscana disse que foi um milagre. Tio Tony sentia-se como o diabo. Disse a minha mãe que estava muito arrependido e plantou um novo jardim para ela. Tudo estava bem de novo. Minha mãe gostou do novo jardim mais do que nunca e tio Tony a deixou em paz. Ninguém a

aborreceu mais.

Continuou decorando os altares na igreja de santa Cecília. Também ensinava na escola. Participava de retiros. Um retiro é quando você reza e medita por três dias sem falar com ninguém. Certa vez entrou em retiro durante seis semanas. Tudo o que as freiras faziam, ela fazia. Era louca por elas. Tudo o que faziam era lavar roupas, decorar altares, esfregar assoalhos e ensinar a crianças.

Não demorou e tio Tony começou a chatear de novo, mas não como antes. Receava que minha mãe voltasse a ficar doente. Trouxe até

mais homens para casa. Trouxe Jack Mondri, que era o maior contrabandista de bebidas do norte de Denver. Que era o maior contrabandista de bebidas do norte de Denver. Não é mais, porque foi morto a tiros, mas era importante quando tio Tony o trouxe para conhecer minha mãe. Ele deixou toda a família apavorada. Antes de se sentar, sempre colocava a arma sobre a mesa. De tempos em tempos se levantava e corria para espiar pela janela da frente. Trazia gângsteres consigo e eles esperavam na varanda da frente. Nem tio Tony sabia que seria tão assustador, por isso tentou se livrar de Jack

Mondi, mas não tentou com muito afinco. Tinha medo de se machucar.

Certa vez Jack Mondí chegou bêbado e mordeu minha mãe na bochecha. Foi a primeira vez que algo assim lhe aconteceu e ela ficou zangada e o esbofetou. A família inteira prendeu a respiração e esperou que Jack Mondí matasse a todos. Tio Tony fez sinal a minha mãe para que se contivesse e não irritasse Jack. Mas ela não o achava tão durão assim. Mandou-o sair de casa e nunca mais voltar. E ele fez isso. Enfiou a arma no bolso e saiu porta afora sem dizer palavra. Por muito tempo a família achou que ele voltaria e fuzilaria a todos, mas ele nunca mais voltou. Tio Tony ficou tão amedrontado que chegou até a frequentar a igreja. Mas Jack Mondí nunca mais apareceu. Depois que foi morto a família leu a respeito nos jornais. Minha mãe foi ao seu enterro e rezou pelo descanso de sua alma. Era a única mulher na igreja além da mãe de Jack Mondí. O que prova que minha mãe era boa gente.

Outro sujeito que se apaixonou por minha mãe foi Alfredo di Posso. Tio Tony também o trouxe. Sempre que encontrava um sujeito que segundo ele daria um bom marido, ele o trazia para jantar. Houve outros também, mas só sei de Pasquale Martello, Jack Mondí, Alfredo di Posso e um homem chamado Murphy, mas Murphy não contava muito porque era irlandês. Tio Tony não gostava dos irlandeses.

Alfredo di Posso era um revendedor de feijão-de-lima. De vez em quando Alfredo vem à

nossa cidade, por isso eu o conheço. Ele não vende feijões em latas ou coisa assim. Ele os vende a granel. Quando vem a nossa cidade, passa para visitar minha mãe. É um sujeito bacana, sempre rindo. Me dá dinheiro, geralmente 50 centavos. Quando minha mãe o conheceu não tinha religião. Ela o fez entrar para a Igreja Católica, mas ele caçoava dela; caçoava de tudo. Minha mãe se cansou daquilo. Disse que jamais poderia casar com ele.

Quando minha mãe tinha 21 anos todo mundo no norte de Denver sabia que ela ia ser freira. Sua ordem favorita era das irmãs de Caridade. É preciso pegar um trem para ir ao convento em Kentucky. Durante muito tempo você estuda muita coisa. Então você se torna uma freira de verdade. Cortam os seus cabelos e você usa vestes pretas e não pode se casar ou se divertir. Seu marido é Jesus. Enfim, foi o que irmã Delphine me contou.

Estava tudo acertado. Minha mãe estava pronta para partir. Tio Tony detestava aquilo, e todos os demais também, mas ninguém podia fazer nada. Vovô estava desapontado. Tinha uma sapataria em Osage Street. Gostava de freiras. Achava que eram pessoas bacanas, consentava até seus sapatos de graça, mas não podia ver por que sua própria filha tinha de se misturar com aquilo.

Prometeu mandar minha mãe para a Universidade do Colorado se ela desistisse. Minha mãe não queria saber porque achava a Universidade

do Colorado um lugar horrível. Ela conhece um católico que não acredita em Deus. Ele frequentou a Universidade do Colorado. Era um sujeito bacana até então. Agora os católicos da nossa cidade o detestam. Chegaram até a expulsá-lo dos Cavaleiros de Colombo porque fazia piadinhas. Por isso minha mãe não iria a uma escola como a Universidade do Colorado. Era Kentucky ou nada.

O dia inteiro tio Tony gritou com ela, chamando-a de estúpida e tapada. Ela quase teve outro colapso nervoso. Ele a seguiu pela casa, gritando e tentando fazer que mudasse de ideia. Ao lado da casa de vovô Toscana a família Rocca construiu uma nova casa. Tio Tony tinha um vozeirão e gritava tão alto que os pedreiros escutavam cada palavra. Costumavam parar o trabalho nos andimes para ouvi-lo.

Uma manhã, dois meses antes de sua partida para o Kentucky, mamãe tomava café da manhã e tio Tony começou a bater na mesma velha tecla. Ela não era sensata. Não a estavam tratando bem em casa? Queria se enterrar num buraco e esquecer todas as belas coisas que a família fazia por ela? Não tinha o bastante para comer e roupas suficientes para vestir? Então o que mais queria? Por que tinha de ser tão egoísta? Pensasse na coitada de sua mãe envelhecendo sem ela por perto. Por que não podia pensar nestas coisas e perceber o erro que estava cometendo?

Minha mãe baixou a cabeça e começou a chorar. Um dos pedreiros a observava do andaime.

Desceu a escada e aproximou-se da janela da cozinha. Era italiano, também, mas não do tipo comum. Tinha um bigode ruivo e cabelos ruivos. Bateu na tela e minha mãe ergueu o olhar. Tio Tony pretendia saber o que o homem queria. O homem tinha uma colher de pedreiro na mão. Ele a sacudiu na cara de tio Tony.

– Se disser outra palavra para essa garota eu vou arrancar sua cabeça!

No minuto em que minha mãe o viu algo aconteceu. Tio Tony ficou tão furioso que foi até a sala da frente sem falar. Minha mãe olhava para o homem com a colher de pedreiro na mão e o pequeno bigode ruivo. Imediatamente ambos começaram a rir. Ele voltou ao trabalho, ainda rindo. Ao meio-dia ele sentou-se no andaime olhando para baixo na direção da janela da cozinha. Minha mãe podia vê-lo. Ele assobiou. Ela riu e veio à janela. O que ele queria era um pouco de sal para o seu sanduíche. Foi assim que a coisa começou. O homem era meu pai. Cada dia ele ria e pedia alguma coisa. Se não era sal, era pimenta e minha mãe ria e apanhava para ele. Em outra ocasião ele pediu fruta fresca para complementar o seu almoço. Um dia ele chegou à janela e riu e perguntou se ela tinha um pouco de vinho. Então quis saber se ela sabia cozinhar. Minha mãe ria sem parar. Finalmente ela lhe disse para trazer mais o próprio almoço mas para entrar e almoçar com ela. Ele riu e disse que sim. Dois meses depois, em vez de ir para Kentucky, minha mãe veio à nossa cidade e se casou.

C O M O F A Z Í A M O S S E M . . . M E R C A D O

Alexandre Versignassi, Aventuras na História, Edição 107 - junho 2012 – Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2121; demais localidades: 0800-775-2828 www.assineabil.com.br

Não era fácil. Imagine uma máquina capaz de transformar pão em carne, carne em tecido, tecido em 9 noites em Paris com avião, traslados, seguro-viagem e assistência nos aeroportos. Essa máquina existe. E o nome dele é mercado.

Graças ao mercado, ao comércio, um ser humano médio pode viver tranquilamente sem saber trocar a resistência do chuveiro, sem jamais ter ordenhado uma vaca, plantado couve, levantado uma casa com argila e cimento. Na falta de mercado, complica: você precisa fazer de tudo um pouco. É justamente o que os seus antepassados faziam. E é o que ainda fazem os ianomâmis da Amazônia e os kwegas da Etiópia – eles e qualquer povo que ainda viva da caça e da coleta, como o *Homo sapiens* viveu a maior parte de sua existência.

Na primeira metade dos 200 mil anos em que a nossa espécie habita a Terra, a humanidade não tinha mercado, não tinha comércio, não tinha nada. Puderam. Você só tem comércio para valer se consegue produzir mais do que precisa para sobreviver. Se você é membro de uma tribo que precisa caçar para comer, nunca vai ter um excedente. Bom, até vai, caso volte da caçada arrastando um bisão parrudo – mas num mundo sem geladeiras não dava para acumular

riqueza na forma de carne. E como a grande atividade econômica desse mundo sem geladeiras era exatamente correr atrás de carne, não existia riqueza. Sem riqueza, sem comércio. E sem comércio cada um se virava como pode: você precisa saber como fabricar casa, armas, comida.

Com todo mundo obrigado a fazer de tudo um pouco, não existe trabalho especializado. O sujeito habilidoso na arte de fabricar flechas, por exemplo, não pode passar o dia fazendo flechas. Precisa ir atrás do próprio almoço, como qualquer animal adulto faz. Resultado: menos flechas boas. Mais flechas medíocres. Zero avanço tecnológico. Por isso mesmo., os ianomâmis, kwegas e cia. vivem hoje basicamente com a mesma tecnologia que seus antepassados tinham há 100 mil anos.

Mas ei: não seria uma boa trocar um naco da carne do seu bisão pelas flechas daquele sujeito habilidoso? Com flechas melhores, você mesmo consegue caçar mais. Uma hora, todos os caçadores da tribo entenderiam que é mais lucrativo fazer essa troca do que continuar fabricando suas próprias, e medíocres, flechas. Do ponto de vista do artesão, melhor ainda. Ele não precisaria mais caçar o dia todo. Como

ganharia carne em troca daquilo que produzisse, poderia se dar ao luxo de passar o dia fazendo só o que sabe melhor. Na prática, criaria uma máquina que transforma flechas em comida. Criaria um mercado. Mais: com o artesão mais hábil livre para trabalhar, a qualidade geral das flechas subiria. A tribo viveria seu primeiro salto tecnológico.

E foi o que as tribos humanas viveram de fato, á mais ou menos 50 mil anos. Não existem registros sobre o comércio no paleolítico, claro (faltava inventarem a escrita). Mas a arqueologia traz uma ótima evidência de que ele estava acontecendo. Tudo o que os pesquisadores encontram dos 150 mil primeiros anos de vida do *sapiens* são armas e ferramentas simples. Pura pedra lascada. Afí, num intervalo de poucos milhares de anos, a qualidade dos objetos dá um salto – surgem facas mais afiadas, arpões, pontas de lança pontiagudas como balas de fuzil. Obras de arte. Coisas improváveis (senão impossíveis) de serem desenvolvidas sem trabalho especializado. E se havia trabalho especializado era porque alguém estava pagando por aquilo – com comida, sexo, outros objetos, metais bonitos e raros (que depois ganhariam o nome de “dinheiro”). Ou seja:

havia um mercado.

Mas o boom do comércio, do comércio para valer, ainda não tinha chegado. Ele só viria com a criação da agricultura e da pecuária, há 10 mil anos. Plantar grãos e criar animais para vender virou o trabalho especializado mais rentável da pré-história: produzia excedentes mastodônticos, que os latifundiários primitivos (que depois seria chamados de “reis”) trocavam pelas melhores flechas, pelas melhores cervejas... Os artesãos, os cervejeiros, os construtores, os padeiros... Todos passaram a se aglutinar nos arredores das maiores fontes de grãos, carne, leite, azeite... Eram as primeiras cidades. E uma cidade, agora, podia até especializar-se em alguma tarefa, como fabricar o melhor azeite; outra, em plantar certo tipo de grão, que, em se plantando, só em suas terras dava. E então uma cidade comercializava seu excedente com a outra. Surgia o comércio interurbano (e com as cidades formando nações, o comércio internacional). A tecnologia veio junto (mais comércio => mais especialização => mais saltos tecnológicos). E o resultado de tudo isso você pode ver com os seus olhos agora: o mundo à sua volta, totalmente forjado pela máquina do comércio.

Sol de inverno as brincadeiras no jardim cãozinho vai junto.	Chuva de inverno o barulhinho gostoso vontade de dormir.	Olho para o céu a noite cheia de estrelas piscam, piscam...	Manhã de inverno o canto dos passarinhos no brilho do sol.	Manhã de inverno nenhum pássaro no céu só o vento gelado.	Ainda na roça o feijão madurinho chuva que não para.	Manhã de inverno uma, duas, três blusas... ainda tenho frio.
Ana Caroline Pereira	Carolina Ayub Menon	Evelyn Rodrigues Cordeiro	Laura Beatriz Bora	Luiz Eduardo Velozo	Marcelo do Vale	Milena Cristina Rost
Cercada de estrelas a lua de inverno brilha que brilha.	Tarde de inverno os passarinhos cantam pertinho da escola.	Sol de inverno esquenta a cama do gato o bicho se espicha.	Logo de manhã os gramados branquinhos primeira geada.	Na galhada sem folha as primeiras flores do ipê roxo.	Tarde de inverno o canto dos passarinhos no brilho do sol.	Manhã de inverno mesmo com o frio o canto dos passarinhos.
Bárbara Estefani Lopes	Eduarda Nokozek	Gustavo Garszka	Letícia Kuts	Marcelo Rodrigues Ivasko	Marina Szychta	Thais Fernanda Gavlak

Grêmio de Haicai Chão dos Pinheirais, 1ª Antologia de Haicai, Irati/PR, 2010: dmiskalo@hotmail.com – Gentileza de Marilena Budel

Quem é aquele que nos ouve as expressões do orgulho e se mantém silencioso? Quem é este ser que nos vê condená-lo e não permite que nenhuma fibra do Universo vibre negativamente? Quem é este que nos ouve os pedidos mesquinhos, as rogativas rancorosas, as reclamações absurdas e ainda assim se mantém incólume? Afinal, quem é este que nos vê o coração enlaenado pela violência, a sociedade dividida pela miséria, os seres se enganando pelo poder e os idealistas sofrendo pelo bem, e, ainda assim, permanece impassível, à espera do dia em que há de aflorar a justiça, a beleza e o bem, definitivamente? Esse ser está presente, magistralmente, nessa página do Apostolo da Caridade que foi Eurípedes Barsanulfo (1880-1918):

DEUS

O Universo é obra inteligentíssima: obra que transcende a mais genial inteligência humana.

E como todo efeito inteligente tem uma causa inteligente, é forçoso inferir que a do Universo é superior a toda inteligência.

É a inteligência das inteligências; a causa das causas; a lei das leis; o princípio dos princípios; a razão das razões; a consciência das consciências; é Deus. Deus! nome mil vezes santo, que Newton jamais pronunciava sem se descobrir!

Deus! Vós que vos revelais pela natureza, vossa filha e nossa mãe, reconheço-vos eu, Senhor, na poesia da criação; na criança que sorri; no anção que tropeça; no mendigo que implora; na não que

assiste; na mãe que vela; no pai que instrui; no apóstolo que evangeliza!

Reconheço-vos eu, Senhor, no amor da esposa, no afeto do filho, na estima da irmã; na justiça do justo; na misericórdia do indulgente; na fé do pio; na esperança dos povos; na caridade dos bons; na inteireza dos integros!

Deus! Reconheço-vos eu, Senhor, no estro do vate; na eloquência do orador; na inspiração do artista; na santidade do moralista; na sabedoria do filósofo, nos fogos do gênio!

Deus! Reconheço-vos eu, Senhor, na flor dos vergéis; na relva dos vales; no matiz dos campos; na brisa dos prados; no perfume das campinas; no murmúrio das fontes; no rumor das franças; na

música dos bosques; na placidez dos lagos; na altivez dos montes; na amplidão dos oceanos; na majestade do firmamento!

Deus! Reconheço-vos eu, Senhor, nos lindos antéios; no íris multicolor; nas auroras polares; no argênteo da lua; no brilho do sol; na fulgência das estrelas; no fulgor das constelações!

Deus, Reconheço-vos eu, Senhor, na formação das nebulosas; na origem dos mundos; nas gênesis dos sóis; no berço das humanidades; na maravilha, no esplendor, no sublime do infinito!

Deus! Reconheço-vos eu, Senhor, com Jesus, quando ora: *Pai nosso que estais nos céus...* ou com os anjos, quando cantam: *Glória a Deus nas alturas...*